



*Espaços de serviços: discursos e projetos a partir das obras de Eduardo Kneese de Mello*

Simpósio: E5\_06 Las Escalas y los Mecanismos de Segregación y  
Resistencia en Iberoamérica: Habitación y Ciudad

**Camila Medeiros de Oliveira**

FAU USP, Brasil  
camila.medeiros.santos@usp.br

**Joana Mello de Carvalho e Silva**

FAU USP, Brasil  
joana-mello@usp.br

**Resumo:** Este artigo analisa a organização das áreas de serviço em projetos residenciais e edifícios habitacionais do arquiteto Eduardo Kneese de Mello, articulando arquitetura, domesticidade, gênero, classe e raça. A partir de um breve panorama da trajetória do arquiteto, procura-se localizar os projetos cronologicamente, de acordo com a definição do próprio arquiteto, em uma primeira fase eclética entre 1930 e 1940 e em uma segunda fase moderna a partir de então. A análise comparativa das plantas investiga a localização, a dimensão, os acessos e as relações entre as áreas de serviço e o conjunto da unidade habitacional, considerando cozinhas, copas, lavanderias, quintais de serviço e dependências de empregadas, buscando observar rupturas ou continuidades deste agenciamento entre as diferentes tipologias. Os resultados indicam que as estratégias de segregação espacial do trabalho doméstico — como circulações independentes, filtros, vestíbulos, elementos vazados e afastamento das áreas de serviço do corpo principal da casa — decorrem principalmente dos modos de vida associados às classes sociais atendidas. Projetos destinados a famílias de maior poder aquisitivo apresentam amplas áreas de serviço e mecanismos rigorosos de separação entre corpos e atividades, enquanto habitações voltadas a classes populares e médias reduzem ou eliminam tais espaços, integrando o trabalho doméstico à rotina familiar.

**Palavras-chave:** domesticidade; espaços de serviço; arquitetura; moderno; cidade.

**Resumen:** *Este artículo analiza la organización de las áreas de servicio en proyectos residenciales y edificios habitacionales del arquitecto Eduardo Kneese de Mello, articulando arquitectura, domesticidad, género, clase y raza. A partir de un breve panorama de la trayectoria del arquitecto, se busca situar los proyectos cronológicamente, de acuerdo con la definición del propio arquitecto, en una primera fase ecléctica entre 1930 y 1940 y en una segunda fase moderna a partir de entonces. El análisis comparativo de las plantas investiga la localización, la dimensión, los accesos y las relaciones de las áreas de servicio con el conjunto de la unidad habitacional, considerando cocinas, comedores auxiliares, lavanderías, patios de servicio y dependencias de empleadas, procurando observar rupturas o continuidades de esta organización entre las diferentes tipologías. Los resultados indican que las estrategias de segregación espacial del trabajo doméstico —como circulaciones independientes, filtros, vestíbulos, elementos calados y el alejamiento de las áreas de servicio del cuerpo principal de la vivienda— se derivan principalmente de los modos de vida asociados a las clases sociales atendidas. Los proyectos destinados a familias de mayor poder adquisitivo presentan amplias áreas de servicio y mecanismos rigurosos de separación entre cuerpos y actividades, mientras que las viviendas dirigidas a clases populares y medias reducen o eliminan dichos espacios, integrando el trabajo doméstico a la rutina familiar.*

**Palabras-clave:** *domesticidad; espacios de servicios; arquitectura; moderno; ciudad.*



## Introdução

Quando falamos sobre a história do universo doméstico, também falamos da história do cotidiano, um campo que vem sendo descortinado desde a década de 1980 e que se consolidou como uma frutífera linha de pesquisa, levantando novos sujeitos para a história que antes se encontravam apagados sob o peso das grandes narrativas.

Não por acaso, em paralelo à promoção da esfera doméstica no campo da história, o universo feminino ganharia centralidade, e personagens até então pouco presentes, como profissionais, pregadoras, filantropas, matriarcas, burguesas, operárias, militantes, funcionárias, donas de casa, esposas, preceptoras, serviçais, publicistas etc., entrariam definitivamente em cena. (NASCIMENTO, SILVA, LIRA, RUBINO 2017, p.28)

Na disciplina de história da arquitetura, os estudos sobre a casa e o cotidiano vêm sendo mediados pelo conceito de domesticidade, aqui entendido como um conjunto de práticas domésticas em permanente disputa e, portanto, em transformação (HEYNEN, 2005; HOLLOWS, 2008). A domesticidade tradicional burguesa se conforma na passagem do século XIX ao XX, período tido pela historiografia como o da separação das esferas pública e privada e associado ao processo de industrialização, que resulta na saída do trabalho da casa para sua concentração nas indústrias. A casa passa a se constituir discursivamente como um universo em negação ao mundo público

O lar passou a ser considerado um repositório das virtudes perdidas ou negadas no mundo exterior. Para as classes médias do século XIX, lar significava sentimento, sinceridade, honestidade, verdade e amor. Essa representação do lar compreendia uma dissociação completa de todas as coisas boas do mundo público e de todas as coisas ruins do mundo doméstico. Era transformar o lar em um lugar de ficção, um lugar onde florescia a ilusão. (FORTY, 2007, p. 140)

A dissociação entre casa e trabalho significou também a divisão sexual dos sujeitos responsáveis por essas esferas: nos termos da domesticidade tradicional, o homem foi identificado com o trabalho produtivo da fábrica e a mulher com o trabalho reprodutivo do lar. Na mesma medida em que se conformam mundos em oposição, públicos e privados, constituíram-se os papéis de gênero responsáveis por esses mundos. Da mulher era esperado não somente o cuidado com a casa e a família, mas também as características morais associadas à feminilidade: a delicadeza, a ternura, a organização e o preciosismo pela limpeza, traços de personalidade que confundem-se com as tarefas de administração do lar e regulação dos afetos da família que estavam sob seus cuidados.

Vânia Carneiro de Carvalho (2008) denomina a construção da identidade feminina uma ação centrífuga, na qual a feminilidade se imprime sobre a casa e seus objetos e também é determinada a partir deles. Corpo feminino e espaço doméstico constituem uma relação quase simbiótica, na qual um depende do outro para existir. Neste sentido, o próprio gênero feminino constitui-se em articulação com as responsabilidades para com a família e as tarefas do lar, num processo de naturalização do vínculo entre a mulher e o espaço doméstico.



Teresa de Lauretis argumenta que gênero não é uma categoria inerte, mas uma em perpétua construção através "[...] das várias tecnologias do gênero e discursos institucionais com poder de controlar o campo de significado social e assim produzir, promover e 'implantar' representações de gênero." (LAURETIS, 1987, p. 228). Nessa perspectiva, podemos pensar o espaço doméstico e, por que não, a arquitetura como tecnologias de gênero, atuando material e imaterialmente para sua construção contínua e diferenciada, na medida em que não intervém somente na construção da identidade feminina, mas da masculina também.

O espaço pode ser generificado por si mesmo a partir da mobilização de categorias simbólicas: o escritório e a biblioteca são espaços tradicionalmente associados ao universo masculino, conectando o homem à atividade intelectual. Já a sala de costura, a cozinha, o quintal de serviços, a lavanderia são associados ao feminino e, não por acaso, abrigam programas ligados à reprodução — mais do que carregados de simbolismos associados ao feminino, são os espaços ocupados por mulheres, dedicados ao trabalho doméstico.

E serão estes os espaços que, no atendimento à domesticidade burguesa ideal, deverão ser escondidos dos espaços íntimos de privacidade e de sociabilidade da família no conjunto da casa. Podemos associar parcialmente seu apagamento a um certo grau de representação simbólica: estes espaços testemunham a existência de trabalho em um universo que, idealmente, seria desprovido dele, se retomarmos a oposição entre casa e trabalho, mundo privado e mundo público. Na performance do lar ideal, não há trabalho, sujeira nem desordem. Por isso, a cozinha, a lavanderia e a dependência de empregados estarão sempre afastadas do corpo principal da casa, filtradas por cômodos intermediários, como a copa, separadas por elementos vazados, tais como os cobogós, e acessadas por circulações de serviços, a fim de manter a ilusão do lar ideal como refúgio da modernidade (LIERNUR, 2014).

Também podemos atribuir o seu apagamento, no entanto, a uma condição muito mais material do que simbólica: a execução destes trabalhos domésticos não pela dona de casa, mas sim, pela empregada doméstica, uma figura estranha no seio da intimidade familiar, o que, no Brasil, nas famílias de classes médias e abastadas, não é a exceção. Adicionada essa personagem à narrativa do espaço doméstico, o apagamento dos espaços de trabalho converte-se no apagamento do corpo e da presença da trabalhadora doméstica, trazendo para a nossa análise das diferenças de gênero problemáticas de raça e classe (SILVA, 2024). Não podemos, portanto, ao falar dos papéis de gênero no lar, tratar de uma categoria Mulher universal, mas sim de mulheres, neste caso, patroas e empregadas, próximas em sua condição feminina, mas distantes em sua posição no lar e na família.

No que diz respeito à arquitetura, a tripartição da casa em áreas íntima, social e de serviço parece funcionar para mediar essas relações. O princípio básico dessa separação é que estas zonas não se cruzem e que não seja necessário atravessar uma delas para acessar a outra, manobra para a qual o vestíbulo ou hall — espaço característico do palacete burguês — se torna especialmente importante (LEMONS, 1989) Se pensarmos a partir da lógica dos corpos que pertencem a cada espaço, a tripartição serve, principalmente, para que estes corpos se mantenham separados e, especialmente, para que o corpo estranho da trabalhadora doméstica não seja visto.

O presente artigo tem como objetivo analisar as áreas de serviço de projetos de residências unifamiliares e edifícios habitacionais, destinadas a classes populares, médias e altas, assinados pelo arquiteto Eduardo Kneese de Mello, reconhecido por sua atuação segundo os princípios da arquitetura modernista, mas também autor de um número considerável de obras em estilo eclético, anteriores ao que ele mesmo



denomina como o ponto de inflexão em sua carreira. Em áreas de serviço englobamos todas as áreas destinadas ao trabalho doméstico, incluindo o preparo de alimentos, ou seja, a lavanderia, o quintal de serviços (externo), as dependências de empregada (quarto e/ou banheiro), a cozinha e copa, “lugar de guarda de louças e preparo de alimentos para o serviço de almoço e jantar” (SILVA, 2024, p. 160; LEMOS&CORONA, 2017, p. 45). Espécie de “filtro” entre esses ambientes de trabalho e as áreas sociais, a copa

não era necessariamente um espaço de convívio familiar, onde as refeições cotidianas eram realizadas, como depois se tornou comum, mas um ante-sala da sala de jantar ou de almoço, onde os pratos eram arranjados, mantidos quentes durante a refeição e depois lavados. A disposição servia bem, de um lado, para isolar o ambiente e aquela que ali permanecia, como para ampliar outros espaços da casa. (SILVA, 2024, p. 168)

Nesta análise comparativa, observaremos como estão localizadas as áreas destinadas ao trabalho doméstico na casa, qual é o seu tamanho em relação à construção total, como se dá o acesso a elas e quais as relações que mantêm com o conjunto da residência. Esta pesquisa foi, inicialmente, guiada por algumas questões norteadoras: Quais novas relações entre espaços e agentes surgem nos apartamentos para mitigar as interferências cada vez maiores entre zonas de trabalho e zonas íntimas? Qual a perspectiva do arquiteto? Quais serão os recursos arquitetônicos empregados na manutenção das tensões de raça e classe que se colocam ainda mais latentes? Como se manifestam os mecanismos de segregação do trabalho doméstico e seus atores? Quais as diferenças desses mecanismos em função das tipologias habitacionais projetadas pelo arquiteto?

Já podemos adiantar que, em seu desenvolvimento, foi ficando claro que estas perguntas estavam enviesadas para um resultado que dependia de uma clara diferença entre as plantas das residências e as plantas de edifícios, nas quais, principalmente as segundas, teriam áreas de serviço reduzidas e que, para tanto, seriam desenvolvidas estratégias de segregação de espaços e pessoas. Porém, ainda que tenhamos observado diferentes estratégias para cada tipologia, isso não se deve necessariamente ao fato de serem casas ou edifícios em si, mas, principalmente, às classes sociais às quais os projetos eram destinados, ou seja, variavam de acordo com os modos de vida dos moradores.

### **Eduardo Kneese de Mello: trajetória**

Se há uma frase que pudesse definir a carreira do arquiteto Eduardo Kneese de Mello (1906–1994) seria uma proferida por ele mesmo em uma de suas entrevistas: “fazia arquitetura à vontade do freguês” (MELLO, 1979, p.13). Kneese se refere à sua fase eclética, mas eu gostaria de estendê-la como um viés de atuação comum à totalidade da sua trajetória, ora implicada com o ecletismo, ora com a arquitetura moderna, a única que, segundo o arquiteto, tinha como principal motivação a sua boa ocupação, mais do que um exibicionismo do traço do autor.

Kneese de Mello inicia a sua carreira como arquiteto em 1931, quando se forma engenheiro-arquiteto na Escola de Engenharia Mackenzie em uma turma com mais cinco colegas. Influenciado pelo ensino à maneira da Escola de Belas Artes, abriu seu próprio escritório já no ano seguinte e passou a projetar e construir um grande número de residências de estilo eclético. Sobre este momento ele mesmo comenta:



Saí da escola, comecei a trabalhar como construtor. Fiz algumas casinhas por aí, o Jardim América está salpicado delas, e eu fazia arquitetura a vontade do freguês. Quando o sujeito entrava no meu escritório, eu perguntava imediatamente: qual o estilo de sua preferência? E eu fazia o estilo do sujeito, nem que eu nunca tivesse ouvido falar neste estilo. Eu ia estudar, ia me virar, ia perguntar e sapecava no sujeito o estilo que ele tinha pedido. Assim fui um construtor eclético. (MELLO, 1979, p. 13)

Entre estas residências figuram algumas analisadas no presente artigo: a Residência à Rua Dona. Hypolita (1938) no Jardim Paulistano, a Residência Ismael Brandão (1938) no Paraíso, a Residência à Av. Rebouças (1939) em Pinheiros e a Residência Alexandre Tito Labat (1939) no Jardim América. Elas têm em comum as três zonas bem definidas e delimitadas, articuladas pela presença de um vestíbulo ou hall e a existência de dependências de empregados. Foram publicadas na revista *Acrópole*, da qual Kneese foi membro fundador, em 1938, e onde publica a maior parte de seus projetos a partir de então.

Em 1940, atende ao V Congresso PanAmericano de Arquitetura, em Montevideu, um momento decisivo para a sua carreira que ele mesmo define como o de sua conversão repentina ao movimento moderno:

Além do Professor Bruno Simões Magno, de São Paulo e eu, a delegação brasileira era representada por meu grupo de conhecidos arquitetos do Rio de Janeiro. Com excelentes obras modernas já realizadas: Marcelo Roberto, Wladimir Alves de Souza, Paulo Camargo de Almeida, Nestor Figueiredo, Paulo Candiota, Rafael Galvão, João Kahis, recém-formado e outros. No contato com esses colegas ilustres e com os de todos os países da América, que lá estiveram, comecei a perceber que estava errado fazendo estilos. Voltei para São Paulo com essa preocupação e, logo após, já convencido desse erro, resolvi um dia ocupar minha trajetória de eclético e, repentinamente, dediquei-me à arquitetura contemporânea, com todos os obstáculos que essa mudança brusca me oferecia. (MELLO, 1975, p. 1)

A partir daí, segundo a perspectiva de Kneese, ele passou a condenar o seu passado eclético e a dedicar-se ferrenhamente à divulgação da arquitetura moderna: “a única forma de arquitetura possível” (MELLO, 1975, p.4). A tradução destas ideias em projeto, por outro lado, não se deu tão repentinamente quanto o próprio arquiteto declara, como indicam os trabalhos de Aline Regino (2006, 2011) e Maria Lúcia Bressan Pinheiro (1997), mesmo assim, é inegável que houve uma mudança em seu modo de pensar e, principalmente, no entendimento de si mesmo dentro do campo disciplinar brasileiro, tornando-se um porta-voz da arquitetura moderna.

Ainda em consequência de nosso encontro em Montevideu, o IAB resolveu criar seu Departamento de São Paulo, nomeando-me seu “delegado”, inicialmente, e depois, os arquitetos paulistas elegeram-se seus presidentes.

Nessa posição e com as convicções que adotei, passei a pregar, junto com outros colegas, a arquitetura contemporânea, combatendo o ecletismo, a cópia, o receituário antigo e estrangeiro. Fiz inúmeras palestras nesse sentido. (MELLO, 1975, p.2)



Além das palestras e dos textos publicados, figura entre as suas ações de divulgação da Arquitetura Moderna a tradução da Carta de Atenas para a *Acrópole*, em 1947, mesmo ano em que publica o projeto IAPC, um grande conjunto residencial no bairro Cidade Jardim que segue a maior parte de suas diretrizes, mas que não chegou a ser construído. Pelo fato de não ter sido construído, o Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Comerciantes não integra a lista de projetos analisados aqui. Entre aqueles da sua fase Moderna estão os seguintes: Edifício MARA (1945) na Luz, Edifício Japurá (1948) na Bela Vista, Residência no Jardim Europa (1951), Edifícios Guapira e Hicatu no Conjunto Residencial Ana Rosa (1953) na Vila Mariana e o Edifício Abaúna (1961) na Bela Vista. Ao contrário das residências escolhidas de sua fase eclética, estes projetos serão analisados em suas especificidades, em um exercício de comparação entre si, ainda que muitos deles guardem semelhanças e continuidades.

Em meio ao desenvolvimento destes projetos, Kneese de Mello também integra, ao lado de Oscar Niemeyer e Burle Marx, a equipe de arquitetos do Parque Ibirapuera e da NOVACAP na construção de Brasília. Entre 1937 e 1947, é professor na Escola de Engenharia da Universidade Mackenzie e, em 1955, torna-se professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU USP), onde dirige o Departamento de História da Arquitetura e da qual se aposenta compulsoriamente em 1976. Em 1968, é eleito presidente do IAB nacional e, já na década de 1970, passa a dedicar-se mais à publicação de livros e textos e a palestras e ao ensino, sendo professor na Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Braz Cubas e do curso da Faculdade Belas Artes.

Se Kneese foi ou não um arquiteto subitamente moderno, não é a questão principal do presente artigo. Aqui, analisaremos seus projetos à luz de sua trajetória, procurando entender, de um lado, a perspectiva do arquiteto; e, de outro, a demanda à qual estava submetido, neste caso, a depender do incorporador do edifício ou do morador da residência; em outras palavras, os modos de vida a serem desempenhados naquela unidade habitacional. Desviando de uma leitura moralista do arquiteto, sob a qual se esconde uma expectativa evolucionista de sua carreira, em que um projeto deve superar o outro, sempre em direção ao melhoramento, à “modernidade”, aqui buscaremos analisar os projetos objetivamente, em conjunto e em comparação, com especial atenção para suas áreas de serviço.

Nas plantas, estão destacadas, em vermelho, as áreas de serviço e as dependências de empregados, em azul, a cozinha, em verde, a copa e, em amarelo, o vestibulo.

### Análise dos projetos

#### *Residência à Rua Hipolyta (1938)*

Localizada no Jardim Paulista, é uma residência em estilo neocolonial ibérico ou *missiones* isolada do lote, com programa distribuído em dois andares: no térreo, serviços e estar, e no primeiro andar, dormir.



**Figura 1:** Fotografia da fachada. Fonte: *Acrópole*, nº 8, p 22-25, dez 1938.

A entrada se dá por um arco que leva à garagem; entramos por um vestíbulo, nomeado passagem, que cumpre o papel de separar a zona de serviços, ao fundo, da zona de estar à frente e também da circulação vertical que leva ao primeiro andar.



**Figura 2:** Plantas. Fonte: Acrópole, nº 8, p 22-25, dez 1938

### *Residência Ismael Brandão (1938)*

Localizada na Rua Leoncio de Carvalho, 225, no bairro do Paraíso, também apresenta construção em estilo neocolonial ou missionário. Sua planta, ao contrário da residência anterior, indica os limites do lote, pelos quais podemos confirmar que está isolada e apresenta dois acessos: um à direita através de uma escadaria que vemos também na fotografia ao lado que leva à entrada da casa pelo hall, de forma lateral. E outra, à esquerda, para o automóvel que será estacionado neste espaço chamado de Pátio, mas que será também utilizado pela empregada doméstica para acessar a zona de serviços ao fundo.



**Figura 3:** Fotografia da fachada. Fonte: Acrópole, nº 6, p 16-21, out

Esta casa também conta com um andar superior, onde está a zona de dormir. No térreo, estão dispostas as zonas sociais, neste caso, mais extensas, contando com escritório e saleta, além dos esquemas típicos de sala de jantar e sala de estar. Como é costumeiro dessas residências ecléticas, apresenta terraço frontal com

arcos. A zona de serviços conta com varanda (quintal de serviços), quarto de criada, cozinha que dá acesso aos fundos, interligada à zona de estar por meio da copa. Como vemos, esta é uma residência de grande área, o que justifica o desmembramento do programa em diversos cômodos e maiores nuances entre eles. A zona de serviço conta ainda com uma edícula aos fundos com garagem e um banheiro no térreo e dois quartos no andar superior, sobre os quais podemos inferir que sejam destinados a funcionários da casa, completando um total de três dormitórios destinados a trabalhadores domésticos, sendo um deles adjunto ao próprio corpo da residência, indicando sua ocupação por uma empregada mais próxima da família.



Figura 4: Plantas. Fonte: Acrópole, nº 6, p 16-21, out 1938.

O número indica que, apesar de haver um movimento de menor especialização do serviço doméstico, com a consequente concentração em uma única trabalhadora de todas as atividades do lar, ainda era recorrente entre os mais abonados a presença de mais de uma trabalhadora ou um trabalhador doméstico, entre chofer, cozinheiras, copeiras, arrumadeiras, ama-secas ou babás. Além delas, havia também a lavadeira, que não morava na casa dos patrões, pegando a roupa para lavá-la em casa e entregá-la dias depois limpa e passada. (SILVA, 2024, p. 159)

A grande dimensão do terreno e da casa indica uma família de maior poder aquisitivo, cujos modos de vida demandam a presença de três funcionárias para a realização dos trabalhos domésticos, cada uma, como era costumeiro, desempenhando uma atividade especializada (SOUZA, 2017; SILVA, 2024, p. 159). Duas delas provavelmente habitam somente o quintal dos fundos e a zona de serviços, enquanto a outra deve percorrer a totalidade da casa, que conta com uma circulação vertical comum.

#### *Residência à Rua Rebouças, (1939)*

Localizada no bairro de Pinheiros, esta é mais uma residência no estilo neocolonial ibérico. De planta isolada no lote, possui algumas particularidades: a entrada é compartilhada com o acesso de automóveis e leva diretamente a sala de estar, conectada a sala de jantar através de arcos, e o vestíbulo integrador das três zonas está disposto mais ao fundo, separando a zona social, da zona de serviços (através da cozinha) e da

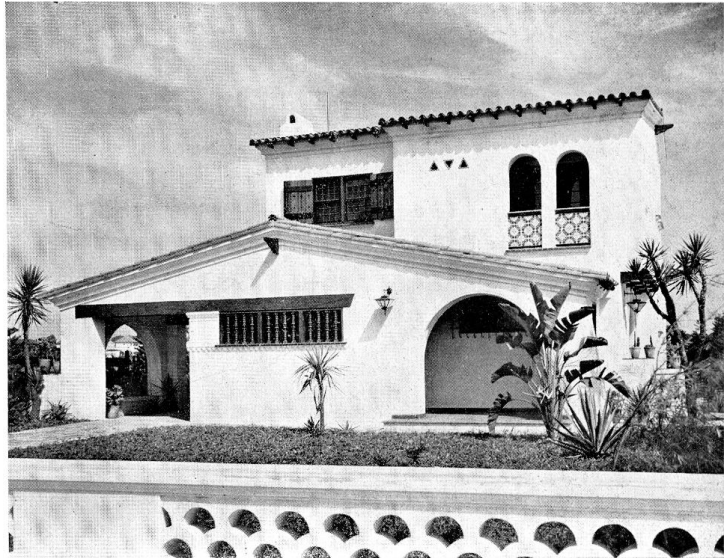
circulação vertical que leva ao andar superior. Neste, concentra-se a zona íntima de dormir da família, com três quartos e um banheiro, mas não somente: aos fundos e sem nenhuma conexão com a área familiar, está o quarto de dormir da empregada; seu acesso só é possível através de uma circulação exclusiva que o conecta diretamente com a área de serviços.

A zona de serviços é acessada pelos fundos, onde há uma entrada para a cozinha. A copa, neste caso, foi reduzida a uma mesa de almoço que se encontra na porção frontal da cozinha. Uma empregada, provavelmente, concentra-se nos fundos da casa, desloca-se através de uma circulação exclusiva que leva à sua dependência, mas que também encontra a circulação familiar, reduzindo a sua presença nas áreas sociais da casa, uma vez que não tem que cruzá-las para acessar o andar superior.

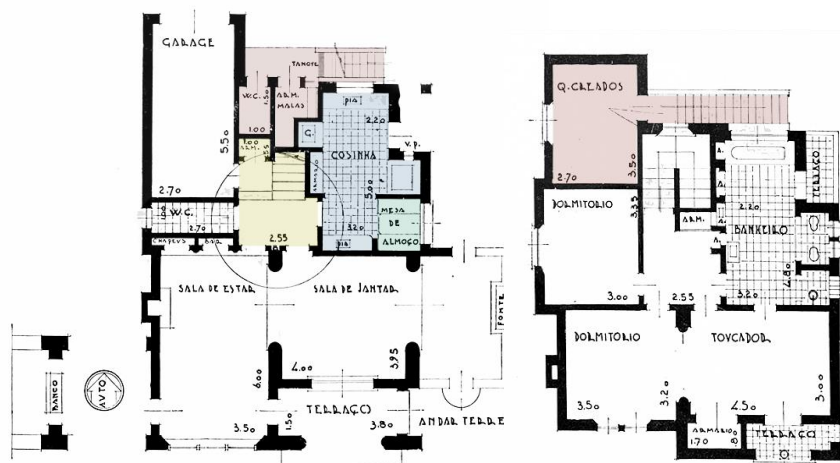
Sua publicação na *Acrópole*, assim como as outras, apresenta fotografias externas e internas da construção, revelando sua ocupação com mobiliário e indicando cada uso, sem jamais apresentar pessoas.

Normalmente, as fotografias são de áreas sociais e mostram salas de jantar e de estar, terraços e escritórios. Neste caso, no entanto,

são publicadas de modo pouco usual na revista as fotos da cozinha, que contrasta com outros ambientes com seus revestimentos, mobiliário embutido sob bancadas, espaço para geladeira e fogão, indicando que ali há algo de especial que merece ser publicizado. De fato, a existência da geladeira em 1939, por si só, é digna de nota e nos informa também sobre o poder aquisitivo da família. Mas, além disso, a imagem constrói um espaço de trabalho impecável: nenhuma marca de sujeira à vista, nenhum equipamento ou eletrodoméstico além da geladeira. Até mesmo os armários possuem portas de vidro que parecem indicar que não há nada fora do lugar, como que nos convidando a investigar o seu interior. Um ambiente higiênico, quase semelhante a um interior hospitalar: branco e esterilizado.



**Figura 5:** Fotografia da Fachada. Fonte: *Acrópole*, nº 11, p 32-37, mar 1939.



**Figura 6:** Plantas Térreo e 1º pav.. Fonte: *Acrópole*, nº 11, p 32-37, mar 1939.

### *Residência Alexandre Tito Lablat (1939)*

A última residência que integra a linha do tempo da chamada fase eclética do arquiteto está localizada na Rua Chile, no Jardim América, e foi construída em estilo modernista. Sua planta, no entanto, revela um esquema de organização muito similar ao das outras residências em estilo neocolonial, se não ainda mais tradicional, uma vez que possui edícula e garagem aos fundos, ao lado de um galinheiro, espaço ainda comum no período e que indica a permanência de práticas rurais em uma cidade em processo de modernização (SILVA, 2024, p. 43).



**Figura 7:** Fotografia da Fachada. Fonte: Acrópole, nº 10, p 40-46, fev 1939.

A entrada se dá pela lateral direita e é a mesma do automóvel, que será estacionado na garagem aos fundos. O acesso ao corpo da casa é lateral e encontra o vestíbulo que separa a circulação vertical da zona de estar. No andar superior concentra-se a zona íntima de dormir. Da entrada, como se exigia no regulamento de loteamentos como esse, notava-se apenas a garagem, a parte de serviço ficando escondida, atrás do corpo principal da residência (SILVA, 2024, p. 172).

As fotografias mostram um interior de linguagem modernista, mas, pela planta, podemos concluir que a espacialidade permanece acadêmica. A planta é fundamentalmente a mesma das outras residências, uma vez que indica separações ainda mais estanques entre as três zonas, replicando a organização das casas com edícula em que os serviços estão totalmente separados do corpo principal da casa. A lavanderia, espaço ainda pouco definido no período (PAULILLO, 2025), não consta na planta, pelo que podemos inferir que todo o quintal posterior estava destinado aos serviços domésticos.



**Figura 8:** Plantas. Fonte: Acrópole, nº 10, p 40-46, fev 1939.

A análise destas quatro residências pretende abarcar, de forma sintética, o seu período eclético, revelando, com três casas em estilo neocolonial ibérico e uma em estilo modernista, que, apesar de suas características materiais, o agenciamento do programa em planta é semelhante. O arquiteto prioriza a separação entre as três zonas, para a qual existe o vestíbulo, estando a zona íntima concentrada no andar superior, a zona de estar no térreo, na porção frontal do corpo da casa, e a zona de serviços na porção anterior, com seus cômodos voltados para um quintal, conectado a um acesso independente. Dessa forma, as três zonas estão bem hierarquizadas e não se sobrepõem, assim como as pessoas que pertencem a cada uma. Projetadas para famílias de classe média alta, seus modos de vida contavam com a presença de empregadas para realizar os serviços domésticos, cujo deslocamento pela casa foi pensado para ser o mais silencioso possível, invisível aos olhos da família.

### *Edifício MARA (1945)*

Projetado em 1942, este é o primeiro edifício da carreira de Kneese de Mello. Localizado na Rua Brigadeiro Tobias, 247, no bairro da Luz, possui 224 unidades habitacionais do tipo kitnet, com aproximadamente 35m<sup>2</sup>. O edifício, como era comum à época, foi aprovado como hotel, pois a legislação não permitia banheiros sem janela para o exterior. Cada unidade contava com hall de entrada, quarto, terraço, armário embutido, espaço para malas e banheiro, com aberturas para um poço de ventilação interior. Indicado com a mesma hachura quadriculada, típica de áreas molhadas e também aqui utilizada para o banheiro, é possível supor que o espaço para malas foi assim denominado

por conta da legislação e, na verdade, funcionaria como cozinha. Na cobertura, foi previsto espaço para um restaurante, que deveria atender tanto aos moradores quanto aos transeuntes do centro da cidade.

Neste edifício já encontramos à disposição algumas características arquitetônicas da cartilha moderna de inspiração corbusiana: térreo em pilotis, estrutura à vista, linhas retas e prolongadas, janelas em fita e cobertura jardim. Para além de seu exterior, o próprio programa do edifício corresponde a essas aspirações: os apartamentos são um desdobramento da unidade de existência mínima, dialogando também com a possibilidade de alargamento da vida doméstica para a cidade, especialmente por estar localizado em lugar tão bem servido de infraestrutura urbana e serviços, como o centro de São Paulo (SILVA, 2013). Já desponta aqui a defesa de um novo conceito de habitação que permeia grande parte dos discursos do arquiteto, inspirado pela Carta de Atenas. Em 1948, em um texto intitulado Arquitetura, Urbanismo e Democracia, Kneese expõe que

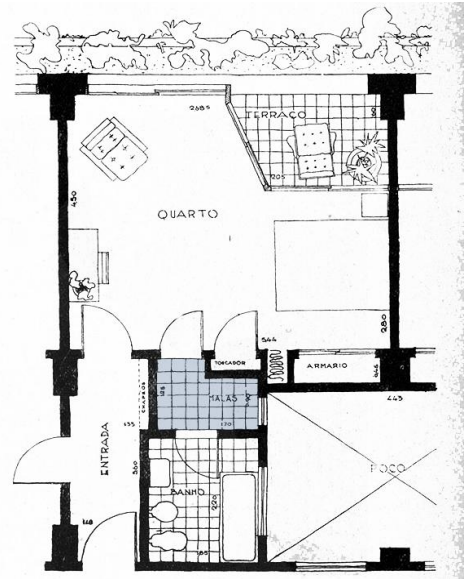


**Figura 9:** Maquete do edifício. Fonte: Acrópole, nº 81, p 282-283, jan 1945.

O conceito de habitação evoluiu com as necessidades e possibilidades criadas pela civilização. Habitação não pode mais ser considerada hoje como simplesmente a casa de morar. Habitação é um conjunto de que a moradia é o centro, mas de que fazem parte também a escola, o playground, os serviços públicos gerais, a creche, a maternidade, a assistência hospitalar, os centros de cultura, os campos de esporte, as áreas verdes e jardins e cuja ligação com o local de trabalho precisa ser estudada com grande carinho. (MELLO, 1975, p. 24)

Na planta das unidades habitacionais vemos como não foi prevista área de serviços e podemos destacar algumas razões para esta escolha: a primeira está relacionada ao que o arquiteto entende por habitação neste projeto e outros que virão — a habitação não está circunscrita à unidade habitacional, mas sim expandida para a cidade

A arquitetura e o urbanismo se entrelaçam hoje, de tal modo, que não é mais possível estudar um, isoladamente do outro. As soluções puramente formais e estéticas não têm mais sentido algum nos novos planos de cidades como nos projetos de edifícios isolados. (MELLO, 1975, p. 24)

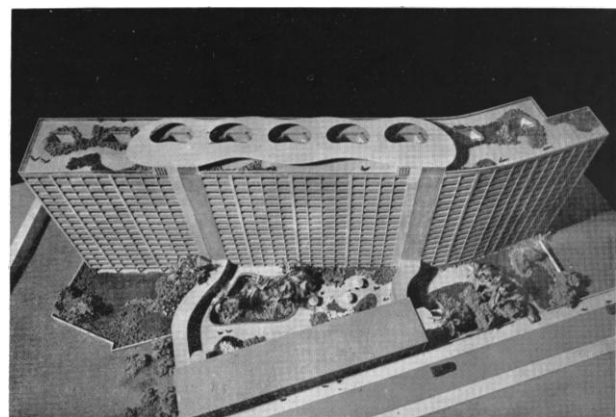


**Figura 10:** Planta da unidade. Fonte: Acrópole, nº 81, p 282-283, jan 1945.

Logo, entende-se que o morador desta kitnet poderá lavar suas roupas em uma lavanderia próxima, fazendo da cidade uma extensão do apartamento. Outro motivo está, obviamente, no tamanho diminuto da unidade: com apenas 35 m<sup>2</sup> não há espaço para um grande quintal de serviços, mas este motivo não pode ser compreendido sem antes relacioná-lo a outro: o público ao qual eram destinados os apartamentos, muito provavelmente homens jovens solteiros, do qual não se poderia esperar, em 1945, uma grande aptidão para o serviço doméstico. As áreas de serviço parecem, então, não se encaixar nem no espaço físico da unidade, nem na rotina e nos modos de vida de seus ocupantes, fazendo-as desaparecer.

#### *Edifício Japurá (1948)*

Projetado em 1945 para o Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários (IAPI) e construído em 1957, o edifício localiza-se no



**Figura 11:** Fotografia do conjunto. Fonte: Acrópole, nº 119, p 281-287, mar 1948.

bairro do Bixiga, no conjunto da Bela Vista, e foi implantado sobre um dos maiores cortiços de São Paulo da época. (DOMINGUES, 2017)

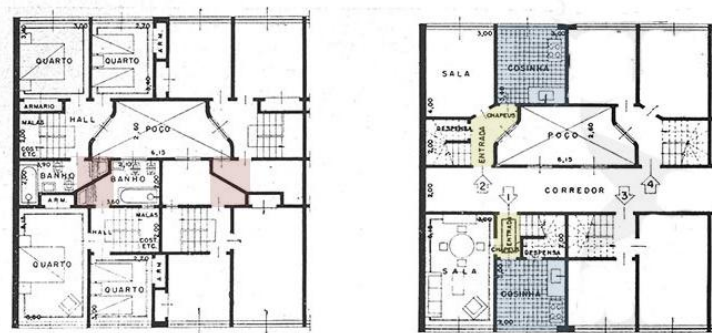
O projeto divide-se em dois volumes: um mais baixo, alinhado à rua Japurá, no qual foram previstas lojas e um restaurante no subsolo, elevado por pilotis, e, no andar superior, unidades habitacionais tipo kitnet. O volume principal, recuado em 18m e acessado por grandes passarelas envidraçadas, contava com 288 unidades habitacionais de tipo duplex dispostas em uma lâmina de 14 pavimentos. A opção por apartamentos duplex reduzia a área de circulação, o que aumentava a eficiência do empreendimento. Na cobertura foram previstos uma grande marquise sem uso definido e um jardim projetado por Burle Marx.

Novamente, são empregados elementos típicos da arquitetura moderna de matriz corbusiana: pilotis, fachada reticulada, volumes em lâmina, tetos-jardim e as tipologias habitacionais de kitnets e apartamentos duplex. Quando da justificativa das unidades kitnets no memorial descritivo, Kneese retorna ao conceito de habitação alargado:

Há conveniência ainda em que se preveja um pequeno número de apartamentos para solteiros. Para servir esse conjunto grande de apartamentos, é recomendável destinar-se espaço no edifício para peças complementares como restaurantes, mercearia, loja de armarinhos, farmácia, garagem e playground. (MELLO, 1948, p. 281)

Na planta, observamos novamente a ausência de uma zona de serviços e podemos atribuí-la aos mesmos motivos que levaram à sua ausência no edifício MARA: falta de espaço, modos de vida do morador e a noção de alargamento da unidade habitacional para a cidade.

Já nos apartamentos duplex, Kneese justifica sua área e programa no Memorial Descritivo segundo os modos de morar do público ao qual era destinado:



Apartamento "Duplex" Andares pares (Dormitorios)

Apartamentos "Duplex" Andares impares (Salas)

**Figura 13:** Planta do pav. Tipo. Fonte: Acrópole, nº 119, p 281-287, mar 1948.

Tratando-se de um local em que não haveria espaço para grandes jardins e playgrounds que pudessem servir a um número elevado de crianças e considerando também o tráfego intenso do bairro, torna-se aconselhável a localização, nesse edifício, de famílias pequenas, com poucas crianças. tornando-se, desse modo, recomendável adotar-se um tipo de apartamentos com dois dormitórios (MELLO, 1948, p. 284)

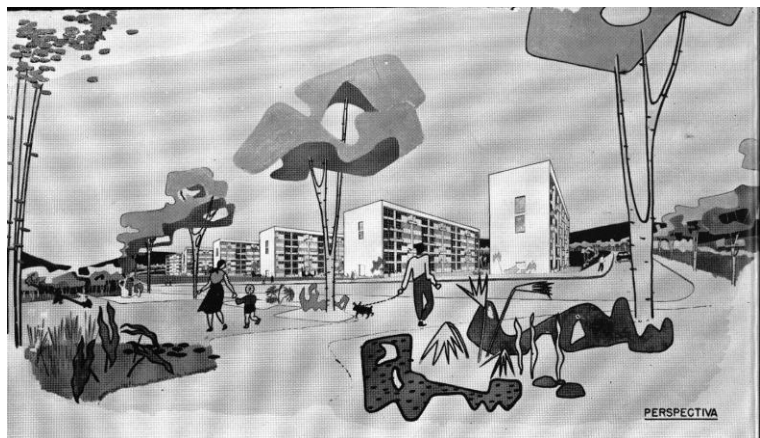
Destinados aos industriários, os apartamentos serviam a famílias de classes populares e médias, com poucos filhos, e, como podemos inferir pela planta, sem empregadas domésticas, ou sem que elas dormissem no local no trabalho, dada a ausência de dormitórios para empregadas. De fato, com exceção da cozinha, que tem o mesmo tamanho e se conecta diretamente à sala de estar, a área de serviço se resume a um tanque encaixado em uma das paredes do banheiro, quase um espaço entre a circulação e o banheiro, na verdade. O andar inferior concentra os usos mais sociáveis da família em uma pequena área, sem, no entanto, se eximir de um pequeno vestíbulo que separa o acesso entre estes dois ambientes. Normalmente, a área de serviços estaria ao lado da cozinha; no entanto, foi deslocada para o andar superior, talvez por conta da janela que compõe a fachada e que vai de parede a parede da cozinha. Em vez de estar aí, está no centro da lâmina, iluminada e ventilada pelo poço interno e longe da composição da fachada envidraçada. Seja como for, a sua localização dentro do único banheiro da casa e a sua redução a um tanque, nos leva a admitir que a tarefa doméstica aqui é menos algo que deve ser escondido e mais uma parte da rotina da família, provavelmente exercida pela mulher/esposa/mãe/dona de casa. Essa interpretação corrobora com a realizada por Sabrina S. Fontenelle Costa (2021, p. 167) a partir das perspectivas apresentadas por Knesse de Mello na *Acrópole*.

E, novamente, não podemos deixar de pensar na articulação entre o espaço disponível e a classe social. A redução da área corresponde, logicamente, a uma necessidade urbana, mas também só é possível graças à condição econômica das famílias a que é destinada e aos modos de vida que ali serão desempenhados. A possível ausência de empregada doméstica reduz a necessidade de filtros, barreiras e separações entre as zonas de serviço e as zonas íntimas, permitindo a integração e a redução destas.

*Conjunto Residencial Jardim Ana Rosa - Edifícios Guapira e Hicatu (1953)*

Projetado em 1952, sob encomenda do Banco Hipotecário Lar Brasileiro, para atender a famílias de classe média alta de São Paulo, contava com cinco edifícios em lâmina e um sexto menor, dispostos segundo a melhor orientação solar, de forma diagonal ao terreno.

O pavimento térreo foi concebido como um grande jardim, tendo em vista que o acesso aos edifícios se dava através de uma rampa que conectava a rua mais alta em nível com o último pavimento. Os pavimentos abaixo destes eram acessados por uma escada helicoidal que inicia nesta rampa e desce até o nível térreo. Novamente, Kneese optou por apartamentos dúplex: cada pavimento contava com 14 unidades, mas sua disposição não era a típica proposta de edifícios com tipologias duplex, uma vez que a unidade estava voltada sempre para a mesma fachada, o que também ocasionou grandes circulações horizontais na forma de corredores centrais.



**Figura 14:** Ilustração do conjunto. Fonte: *Acrópole*, nº 182, p 74-75, jun 1953

Os apartamentos eram organizados de forma curiosa: no andar inferior, adentramos pela sala de estar e, logo ao lado da porta de acesso, está a escada que nos leva ao pavimento superior. Atrás dela temos uma das entradas da cozinha, que também pode ser acessada diretamente pelo corredor central, constituindo um acesso independente. Ao lado temos um terraço, que já de antemão podemos chamar de área de serviço, com abertura para o exterior, porém resguardada por elementos vazados que fazem a composição da fachada. Por meio deste, dá-se acesso ao banheiro e ao quarto de empregada, que, inclusive, apresenta maior área em comparação com a cozinha. Assim, ao observar a planta, vemos que mais da metade do andar inferior é ocupada pela área de serviço. O restante abriga a sala de estar e, no andar superior, temos a zona íntima, com dois dormitórios, um banheiro comum e um terraço.

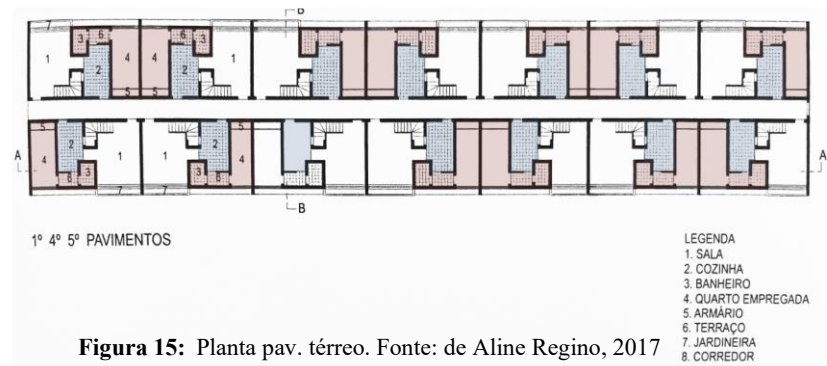
Projetadas para moradores de classe média alta, as unidades habitacionais dos edifícios Hicatu e Guapira, apresentam alguns mecanismos para separações de pessoas e espaços. Abrigando famílias de maior poder aquisitivo, sua organização espacial privilegia o acesso independente às zonas de

serviço, a serem utilizadas pelas empregadas domésticas e, talvez, por outros funcionários, evitando que cruzem caminho com os membros da família desnecessariamente. O tamanho da dependência de empregada e a ausência de mobiliário na planta dão margem para pensar, inclusive, na possibilidade de mais de uma empregada morar nesta casa. Novamente, os modos de vida de seus ocupantes, aliados à disponibilidade de espaço, fornecem as condições necessárias a este uso do espaço destinado às zonas de serviço: amplas e independentes.

Além da tipologia duplex e da disposição de edifícios em lâmina, outro aspecto é bem característico da arquitetura moderna: o uso de elementos vazados na fachada em frente às áreas de serviço, mascarando seu interior e transformando as aberturas em painéis compositivos. Em lugar de janelas ou terraços abertos, as áreas de serviço são espaços semi abertos, nos quais os cobogós têm uma dupla função: proporcionar iluminação e ventilação e impedir a visão do que está por trás deles.

#### *Edifício Abaúna (1961)*

Localizado na Rua Antônio Carlos, nas imediações da Av. Paulista, o Edifício Abaúna conta com 16 andares, sendo que cada andar é ocupado por somente um apartamento, de aproximadamente 500m<sup>2</sup>, destinando-se, obviamente, a



**Figura 15:** Planta pav. térreo. Fonte: de Aline Regino, 2017



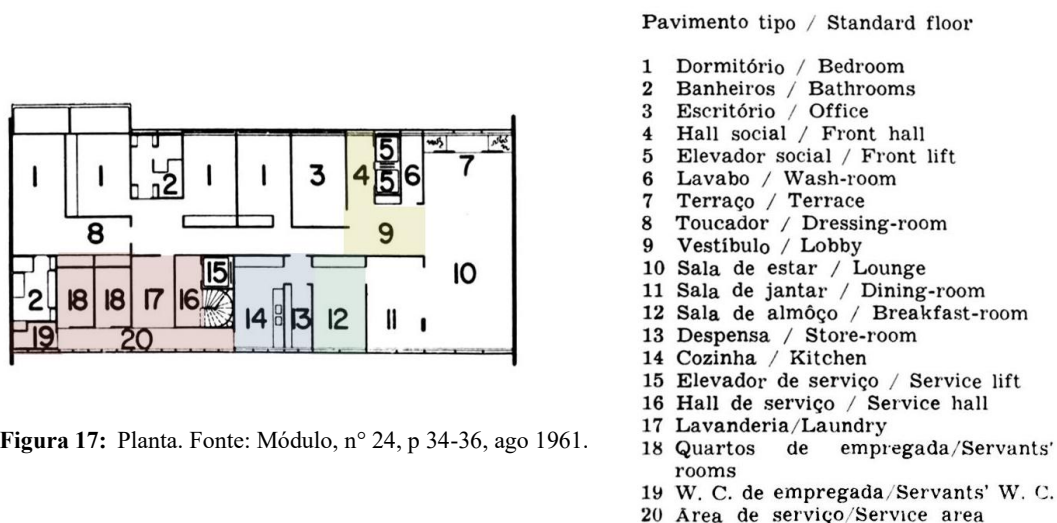
**Figura 16:** Fotografia. Fonte: Módulo, nº 24, p 34-36, ago 1961.

uma camada endinheirada da sociedade paulistana, não somente pela área da unidade, mas também pela localização em um dos bairros mais nobres da cidade.

O edifício está recuado em 10m da rua, espaço no qual havia um amplo jardim que se estendia até a porção anterior do terreno, onde havia uma área destinada a um playground. No subsolo há garagem para automóveis, lava-rápido e depósitos.

No térreo, está a casa do zelador e dois halls separados: um para os moradores, com dois elevadores de circulação vertical, e outro, de serviços, com um elevador e uma escada de emergência, sendo que todas essas circulações desembocam diretamente no apartamento, o que oferece uma ideia da magnitude desta opção pela independência das circulações.

Ao entrar pelo hall social, encontramos logo o vestíbulo organizador. Adiante, a sala de estar com frente para as duas fachadas, terraço na fachada norte e sala de jantar na fachada sul. Ao lado desta está a copa, ou sala de almoço, seguida de uma despensa e depois da cozinha. Vemos que o acesso à cozinha está filtrado não por um, mas por dois cômodos entre ela e a sala de jantar. Em frente à cozinha está o escritório; porém, sua abertura é lateral, evitando a visão da cozinha e abrindo-se para o vestíbulo. Ao lado do escritório,



**Figura 17:** Planta. Fonte: Módulo, nº 24, p 34-36, ago 1961.

temos o volume dos quartos: três dormitórios compartilham um banheiro, e outro é uma suíte com banheiro privativo. Ao lado deste, está a ampla área de serviços, que ocupa aproximadamente um quarto da planta. Conta com dois dormitórios para empregadas, um banheiro, lavanderia, hall de serviço - por onde se dá o acesso à circulação de serviços - e uma ampla “área de serviços” que é basicamente uma grande varanda, ocupando metade da fachada sul do edifício e, como de costume (PAULILLO, 2025), encoberta por um elemento vazado compositivo da fachada, que vemos com clareza na fotografia anterior. As dependências de empregadas somente podem ser acessadas por este terraço, dando as costas para o corredor central que organiza o apartamento como um todo. A única abertura da zona de serviços para este corredor está alinhada com o banheiro - existe outra que conecta na altura dos quartos a sala de almoço, mas podemos considerar este programa como parte do uso da família.

Circulações exclusivas, entradas independentes, filtros, elementos vazados, aberturas devidamente alinhadas. Neste projeto, destinado a famílias da elite paulistana, observamos a preocupação do arquiteto

em separar os corpos que percorrerão o espaço da casa. A não ser que a tarefa deva ser exercida no ambiente íntimo, não há motivo para que a empregada percorra esse espaço. Novamente, a disponibilidade de espaço aliada ao modo de vida luxuoso faz possível e necessária uma ampla área de serviços: não há necessidade de diminuí-la e os padrões de exigência da família tampouco o permitiriam.

### **Considerações Finais**

Até aqui, apresentamos uma pequena mostra da produção habitacional do arquiteto Eduardo Kneese de Mello. Estes projetos foram escolhidos porque cada um deles permitia dizer algo de relevante sobre como o arquiteto pensou a zona de serviços e como ela foi articulada com o conjunto da unidade habitacional. Optamos por seguir uma ordem cronológica de apresentação, o que nos permitiu observar algumas continuidades entre projetos, mas também contrariou uma certa expectativa de progresso, uma vez que o último projeto analisado, o Edifício Abaúna, apresenta diversas contradições em relação ao próprio discurso do arquiteto em certos sentidos, na medida em que contraria a sua defesa por um conceito de habitação alargado que extravasa o edifício e se integra a cidade, além de servir a um modo de vida luxuoso que não condiz com os princípios éticos dos quais foi um defensor.

Nesta cronologia, os quatro primeiros projetos são de residências que o próprio Kneese caracterizaria como pertencentes à sua fase eclética, sendo três delas de estilo neocolonial ibérico e a última em estilo modernista. São, de forma geral, sobrados isolados dos limites do lote, com áreas de serviços ao fundo e com acesso independente. Destinadas a famílias de classe média alta em bairros valorizados da cidade, correspondiam aos seus modos de vida e foram feitas segundo “a vontade do freguês”.

Os quatro projetos que as sucedem foram elaborados após a sua dita conversão ao movimento moderno e formam um conjunto mais homogêneo estilisticamente falando, contando com elementos característicos da arquitetura moderna de matriz corbusiana: pilotis, coberturas-jardim, edifícios em lâmina, janelas em fita, passarelas de acesso. Suas plantas, por outro lado, variam bastante conforme o encargo da construção. Poderíamos agrupar o Edifício MARA e o Edifício Japurá de um lado como aqueles destinados a classes mais populares: o primeiro a jovens solteiros e o segundo as famílias dos industriários, e de outro o Conjunto Jardim Ana Rosa e o Edifício Abaúna, destinados a classes mais abastadas, ainda que entre os dois haja uma boa diferença. E agora, se nos detivermos nas áreas de serviços de cada um desses conjuntos, observamos como elas estão associadas aos modos de vida de seus ocupantes. No primeiro bloco, as áreas de serviço ou são inexistentes, substituídas pelos serviços disponíveis nas imediações da cidade, ou são tão diminutas que chegam a ser um tanque dentro do banheiro. Claro, trata-se de uma estratégia referente à pouca disponibilidade de espaço — somente no edifício Japurá são 288 unidades de apartamentos. A densidade é a palavra de ordem: fazer muito em pouco espaço.

Agora, ao analisar o segundo conjunto, vemos que a disponibilidade de espaço não é um problema fundamental. Ambos os apartamentos contam com áreas amplas, ainda que díspares, característica da qual desfrutam também as áreas de serviço, inclusive com mais de um cômodo, com dependências de empregados e circulações exclusivas, de tal forma que as trabalhadoras que ali circulam não o façam em presença de um membro da família. E que seu trabalho e o resultado dele também não sejam visíveis da rua, mas que o seu encobrimento sirva para compor a fachada: os terraços de serviços são ocultos com a presença de elementos vazados que servem também para encobrir a intimidade, pensando na exposição das roupas na lavanderia.



Se retomarmos nossas questões norteadoras, veremos que se nos mantivéssemos fiéis a tarefa de respondê-las, não chegaríamos a essas conclusões porque teríamos que considerar a tipologia como o fator determinante para a diferença das áreas de serviços, quando, na verdade, é uma articulação entre classe social, modos de vida e área disponível. Famílias de classes mais abastadas costumam viver em unidades habitacionais maiores que contemplam amplas áreas de serviços onde trabalham empregadas domésticas especializadas fora do campo de visão da família. Famílias de classes menos abastadas, costumam ter as condições financeiras suficientes para apartamentos menores, que não dispõem de área suficiente para abrigar uma grande zona de serviços e talvez isso não seja necessário porque não há empregadas domésticas que trabalham ou moram ali, dispensando a necessidade de filtros e circulações exclusivas que a retirem do cotidiano familiar. O fato das residências serem diferentes dos apartamentos não tem sua raiz na tipologia, mas no fato de que somente famílias de classes mais abastadas poderiam encomendar uma casa projetada por Kneese de Mello; logo, o programa dessas residências sempre atende a uma determinada classe.

Nesse sentido, podemos dizer que a atuação do arquiteto Eduardo Kneese de Mello teve como norte o melhor atendimento possível aos modos de vida daqueles que viriam habitar seus projetos. Seja em sua fase eclética, seja em sua fase moderna. Nesse sentido, Kneese continuou a fazer sua arquitetura segundo a vontade do freguês.

## Referências

ALMEIDA, Maria Suely Kofes. Mulher, mulheres: identidade, diferença e desigualdade na relação entre patroas e empregadas. Campinas, Editora da Unicamp, 2001. 470 páginas

ALMEIDA, Maria Suely Kofes. Entre nós mulheres: elas as patroas e elas as empregadas. Colcha de retalhos: estudos sobre a família no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1982.

CARVALHO, Vânia Carneiro de. Gênero e artefato: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material – São Paulo, 1870-1920. São Paulo: Edusp; FAPESP, 2008.

CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos A. C. Dicionário da arquitetura brasileira. São Paulo: Romano Guerra, 2017.

COSTA, Sabrina Studart Fontenele. Modos de morar nos apartamentos duplex: rastros de modernidade. São Paulo: Ateliê Editorial, 2021.

DOMINGUES, Carolina Gomes. *Da Vila Barros ao edifício Japurá: quando o moderno bate à porta, São Paulo 1920-1950*. 2017. Dissertação (Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) — Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017

ÉLEB, Monique. Conforto, bem-estar e cultura na França. In: NASCIMENTO, Flávia Brito do; SILVA, Joana Mello de Carvalho e; LIRA, José Tavares Correia de; RUBINO, Silvana Barbosa (org.). Domesticidade, gênero e cultura material. São Paulo: Centro de Preservação Cultural da Universidade de São Paulo; Editora da Universidade de São Paulo, 2017. p. 159-173

FORTY, Adrian. O lar. In: Objetos de Desejo: design e sociedade desde 1750. São Paulo: Cosac Naify, 2007

FREIRE, Adriana Leal de Almeida. Recepção e difusão da arquitetura moderna brasileira: uma abordagem historiográfica. 2015. F862r. Tese (doutorado) – Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo



GLICK, So. A promessa do American Way of Life para a América Latina: domesticidade, tecnologia e consumo (1940-1945) In: PÉREZ, Inés; SANTOS, Marinês Ribeiro dos (orgs.). Gênero e consumo no espaço doméstico: Representações na mídia durante o século XX na Argentina e no Brasil. Curitiba: Editora UFPR, 2017

HEYNEN, Hilde. Modernity and domesticity: tensions and contradiction. In: HEYNEN, Hilde; BAYDAR, Gülsüm (eds). Negotiating Domesticity Spatial productions of gender in modern architecture. London/ New York: Routledge Taylor & Francis Group, 2005, pp.1-29.

HOLLOWS, Joanne. Domestic Cultures. Open University Press. Nova York, 2008

JANJULIO, Maristela da Silva. A arquitetura doméstica da classe média paulistana nos anos 1950: o “bem viver” moderno. 2015. J33a. Tese (doutorado) - Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

LEMOS, Carlos A. C. Alvenaria burguesa : breve história da arquitetura residencial de tijolos em São Paulo a partir do ciclo econômico liderado pelo café. São Paulo : Nobel, 1989.

MELLO, Eduardo Kneese de. Arquitetura brasileira: palestras e conferências. São Paulo: FAU-USP, 1975. 134 p.

PAULILLO, Clarissa de Almeida. Cuidar, apartar e lavar: o trabalho doméstico e os espaços de serviços nos projetos dos edifícios de apartamentos paulistanos (1940-1960). Tese (Doutorado) - FAUUSP, 2025.

PÉREZ, Inés. Confort para el pueblo y liberación para el ama de casa: gênero, consumo y heladeras em Argentina (1930-1960). In: PÉREZ, Inés; SANTOS, Marinês Ribeiro dos (orgs.). Gênero e consumo no espaço doméstico: Representações na mídia durante o século XX na Argentina e no Brasil. Curitiba: Editora UFPR, 2017.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. História das mulheres no Brasil / Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos). 7. ed. – São Paulo : Contexto, 2004

REGINO, Aline Nassaralla. Eduardo Kneese de Mello | Arquiteto: análise de sua contribuição à habitação coletiva em São Paulo. 2006. 294 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2006.

REGINO, Aline Nassaralla. Eduardo Kneese de Mello: do eclético ao moderno. 2011. 580 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

SILVA, Joana Mello de Carvalho e. Pensar a casa com Clarice Lispector: domesticidade, interseccionalidade e cultura material (1940 e 1960). Tese (Livre-docência) - FAUUSP, 2024.

\_\_\_\_\_. Habitar a metrópole: os apartamentos quitinetes de Adolf Franz Heep. Anais do Museu Paulista (Impresso), v. 21, p. 141-157, 2013.

SILVA, João Luiz Máximo da. Cozinha modelo: o impacto do gás e da eletricidade na casa paulistana (1870-1930). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

SOUZA, Flávia F. Criados, escravos e empregados: o serviço doméstico e seus trabalhadores na construção da modernidade brasileira (a cidade do Rio de Janeiro, 1850-1920. Tese (Doutorado) —Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense, 2017.

TOUCEDA, Adriana Marta Irigoyen de. Da Califórnia a São Paulo: Referências norte- americanas na casa moderna paulista, 1945 – 1960. Tese (doutorado – área deconcentração: estruturas ambientais urbanas) – FAUUSP. São Paulo, 2005. p. 195 – 227.

